

A CONCEPÇÃO DA DEFICIÊNCIA NAS SOCIEDADES ANTIGAS

O que ressaltamos é que na história da humanidade a deficiência sempre se fez presente, mesmo que de formas, mas omissas, escondidas, ignoradas, repreendida, julgadas, condenadas, aceita, ou seja, de uma forma ou de outra a deficiência sempre fez parte da história do homem, estão presente em suas concepções e preocupações, seja para o sentido de aceitação ou negação.

Relevando as concepções que permearam as sociedades no percorrer do tempo quanto à questão da deficiência pautamos a nossa pesquisa para essa temática de conhecer essas concepções e poder melhor compreender as concepções de deficiência na contemporaneidade.

Ressaltamos que toda a história humana é fruto de abrangências que se assemelham e passam a defender alguns preceitos que podem ser bons, ruins, justos, injustos ou distintos, onde passam a beneficiar alguns e prejudicar outros. Dentre esses princípios surge a deficiência, que vai passar a abranger vários conceitos, conceitos que vão ser valorizados, criticados, excluídos, mantidos, dependendo de cada época, contexto histórico, social, económico e até político.

Na antiguidade as sociedades gregas como egípcias e romanas já consideravam essa temática em seus contextos sociais, históricos. Cada qual com suas compreensões e atitudes. Na sociedade Egípcia essas questões de deficiência eram, mas branda, onde não se excluía, julgava ou condenava, pelo contrario os egípcios se mostravam, mas caridosos quantos, essas questões, pois demonstravam afectos e preocupações com as pessoas que eram deficientes, oportunizando eles de terem trabalhos, como de poderem se sustentar e ter uma vida comum aos demais. Sobre isso:

Evidências arqueológicas nos fazem concluir que no Egito Antigo, há mais de cinco mil anos, a pessoa com deficiência integrava-se nas diferentes e hierarquizadas classes sociais (faraó, nobres, altos funcionários, artesãos, agricultores, escravos). A arte egípcia, os afrescos, os papiros, os túmulos e as múmias estão repletos dessas revelações. Os estudos académicos baseados em restos biológicos, de mais ou menos 4.500 a.C., ressaltam que as pessoas com nanismo não tinham qualquer impedimento

físico para as suas ocupações e ofícios, principalmente de dançarinos e músicos. (GUGEL, 2015, p.02)

E muitas vezes eles empregavam essas pessoas com deficiências nos mais altos cargos de funcionalismo dos faraós um desses exemplos eram as pessoas com nanismo, ou seja, pessoas com estatura baixas, que chegava a receber honrarias em suas mortes, reflexo de sua importância para os faraós como para própria sociedade.

Gugel (2015, p.03) acredita que “os especialistas revelam que os anões eram empregados em casas de altos funcionários, situação que lhes permitia honrarias e funerais dignos”. Mencionamos ainda que os egípcios valorizavam as pessoas com deficiências, porque era constante o fato de pessoas ficarem cegas no Egito, devido às tempestades de areia que acaba por proporcionar infecções que vinham a resultar em cegueiras.

O Egito Antigo foi por muito tempo conhecido como a Terra dos Cegos porque seu povo era constantemente acometido de infecções nos olhos, que resultavam em cegueira. Os papiros contêm fórmulas para tratar de diversas doenças, dentre elas a dos olhos. Papiro médico, contendo procedimentos para curar os olhos. (GUGEL, 2015, p.04)

Diante de todo esse contexto social, políticos que era a teocracia, como social, climático e histórico, podemos dizer que os egípcios mesmo sem um conhecimento amplo, científico, médico, do que é a deficiência, mesmo assim se mostrou uma sociedade tolerante e respeitadora.

Diferentemente dos egípcios eram os gregos, uma sociedade que valorizava amplamente o corpo saudável o exercício físico, para eles era essencial manter a boa forma, era uma questão social. Muitos gregos levavam muito a sério a prática de exercício físico, como era o caso dos espartanos e atenienses, assim como menciona:

Entre as cidades gregas, duas tiveram papel de destaque, colaborando para a construção de modelos políticos, sociais e culturais: Atenas e Esparta. Essa valorizava a formação militar, que tinha como objectivo preparar os jovens para a guerra através do desenvolvimento da força, da coragem e da obediência. (MONTEIRO, 2009, p.7)

Quando pensamos em gregos, pensamos em grandes conhecimentos, construções, avanços sociais, intelectuais, pois os gregos se destacam na matemática, arquitectura, duelos, na ciência, como geometria, filosofia, na arte, na poesia, como também foi os primeiros a implantar a ideia de democracia.

Para os gregos a condição física do ser humano era essencial, principalmente considerando que eles enfrentavam constantes guerras, sendo assim tinham muitas polis gregas, ou seja, cidade-estado, que voltava a educação das crianças e jovens para actividades físicas, os Espartanos era um desses casos. Referente a isso:

A finalidade da educação espartana era formar guerreiros. Com 7 anos de idade, os meninos eram afastados das mães e ficavam até os 18 anos em escolas, onde aprendiam ginástica, desportos (corridas, lutas usando o corpo, lançamento de dardos), a ler e escrever e a manejar armas. O método exigia esforços: ficavam nus até nos dias frios, tomavam banho gelado, comiam pouco, apanhavam. Tudo isso para que ficassem resistentes como o ferro. Capacidade de suportar o sofrimento físico, disciplina, habilidade militar: esses eram os objectivos principais. (SCHMIDT, 2011, p.26)

Essa concepção os levava ao extremo do corpo, direccionando sua vida, para o treinamento pesado, envolvendo desde mulheres a crianças, onde “era comum à política da eugenia, com a proposta de fortalecimento das mulheres para que elas gerassem filhos fortes e saudáveis, além do abandono das crianças fracas ou deficientes” (MONTEIRO, 2009, p. 7).

Com o passar do tempo os gregos passam a praticar uma aliança entre o corpo e a mente, ou seja, a questão intelectual associada ao esforço físico, passando a auferir mais repercussões. Para eles ter uma saúde física perfeita era uma obrigação, não se aceitava aqueles que não estivessem dentro dos padrões físicos e sociais, ou seja, suas vidas se pautavam em busca de um corpo perfeito e resistente.

Platão, no livro A República, e Aristóteles, no livro A Política, trataram do planeamento das cidades gregas indicando as pessoas nascidas “disformes” para a eliminação. A eliminação era por exposição, ou abandono ou, ainda, atiradas do aprisco de uma cadeia de montanhas chamada Taygetos, na Grécia. (GUGEL, 2015, p.4)

Pois, eles adoravam realizar exercícios físicos e cultivar o corpo, uns dos motivos eram também as competições, que era um costume grego de extrema importância. Esses “adoravam exercícios físicos. Todos os anos havia importantes competições em várias cidades. (...) Nela, ocorriam os celebres jogos Olímpicos, (...)” (SCHMIDT, 2011, p.30).

Diante de uma cultura que valorizava extremamente o corpo saio, sarado, como também a mente, pois os gregos eram impecáveis em sua sabedoria, destacando em várias áreas, desde as poesias, teatro, músicas e outro, ou seja, “para os gregos, o corpo sadio deveria estar unido com a mente sadia, não se admitia a deficiência entre eles” (SCHMIDT, 2011, p.26).

Para os gregos os deficientes não tinham nada a contribuir com a sociedade, pelo contrário, estavam contrapondo seus ideais, sem mencionar que eram consideradas subumanas, ou seja, uma pessoa que está à baixa da vida humana. Sobre isso:

Em Esparta e Atenas crianças com deficiências física, sensorial e mental eram consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação e abandono. Tal prática era coerente com os ideais atléticos, de beleza e classistas que serviam de base à organização sociocultural desses dois locais. Em Esparta eram lançados do alto dos rochedos e em Atenas eram rejeitados e abandonados nas praças públicas ou nos campos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2008, p.7)

Por isso, que os deficientes não eram aceitos pela sociedade grega, para eles os deficientes ainda crianças deveriam ser eliminados e o, mas impressionante do que essa concepção de eliminação eram como esses conceitos preconceituosos eram mencionados e defendidos por muitos, de uma forma natural e convincente, inclusive essa ideologia era defendida por grandes filósofos, como Platão e Aristóteles.

O Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial evidencia que “Aristóteles e Platão admitiam essa prática, coerente com a visão de equilíbrio demográfico, aristocrático e elitista, principalmente quando a pessoa com deficiência fosse dependente economicamente” (2008, p.8). Ainda sobre esse envolvimento:

Aristóteles. A Política, Livro VII, Capítulo XIV, 1335 b – Quanto a rejeitar ou criar os recém-nascidos, terá de haver uma lei segundo a qual nenhuma criança disforme será criada; com vistas a evitar o excesso de crianças, se os costumes das cidades impedem o abandono de recém-nascidos deve haver um dispositivo legal limitando a procriação se alguém tiver um filho contrariamente a tal dispositivo, deverá ser provocado o aborto antes que comecem as sensações e a vida (a legalidade ou ilegalidade do aborto será definida pelo critério de haver ou não sensação e vida) (GUGEL, 2007, p. 63).

Os gregos eram severos em seus conceitos apesar de serem os primeiros a implantar posteriormente a ideia de assistencialismo. Quanto aos romanos à postura quanto à deficiência também era de discriminação, preconceito e desprezo. Garcia (2011) “na Roma Antiga, tanto os nobres como os plebeus tinham permissão para sacrificar os filhos que nasciam com algum tipo de deficiência”.

A sociedade romana considerava inútil a existência de deficientes e pior considera-os descartáveis, defendendo a ideologia de sacrificar, ou deixar a mercê da sorte, porque muitas vezes deixavam essas crianças em lugares de extremo perigo, como lugares em que viviam animais selvagens, famintos, com isso, acabavam por devorar essas crianças, outros as colocavam em rios ou em lugares considerados sagrados e as abandonavam.

Em Roma, também não se reconhecia valores em crianças “defeituosas”, mas havia um outro recurso além da execução que era o de abandonar as crianças nas margens dos rios ou em locais sagrados para serem recolhidas por famílias da plebe. (NEGREIROS, 2014 p.15)

Nessas circunstâncias ainda apareciam pessoas boas dispostas a ajudar e acabam por resgatar a essas crianças e acabam cuidando das mesmas, mas nem sempre acontecia isso, muitas acabavam morrendo. E isso acontecia como algo natural, onde as pessoas agiam sem se preocupar com que estavam fazendo de errado, ou com que as pessoas iriam pensar, era uma prática comum.

Ressaltamos ainda que muitos deficientes que sobreviviam eram por interesses comerciais, pois considerando que os romanos tinham hábitos de frequentar casas de prostituição, como os bordéis, com isso era comum os deficientes serem utilizados,

como humilhados, Negreiros (2014, 15) “A Roma Antiga é cenário de um vil mercado de prostituição ou entretenimento utilizando-se as pessoas com deficiência comercialmente”. Ou ainda, os utilizavam como atrações de circo, menosprezavam as suas capacidades e direcionavam para actividades consideradas humilhantes de chacota, ou seja, tudo em benefício de regalias e interesses pessoais de pessoas preconceituosas que praticavam exclusão e exploração, pois os deficientes não viam outra saída a não ser aceitar o que lhes era proposto, porque se não perderiam a vida.

(...) Cegos, surdos, deficientes mentais, deficientes físicos e outros tipos de pessoas nascidos com má formação eram também, de quando em quando, ligados a casas comerciais, tavernas e bordéis; bem como a actividades dos circos romanos, para serviços simples e às vezes humilhantes. (SILVA, 1987, p. 130).

O que se percebe é que a humanidade infelizmente sempre expôs a sua discriminação, como a sua contestação a todos que fugirem dos padrões por eles estabelecidos como correcto e pior que a maioria passou a aceitar e a defender essa ideia como se fosse algo eficaz, mesma que ela ferisse, discriminasse, ou até eliminasse os outros seres humanos.

E infelizmente dentro dessa concepção é que os deficientes passaram a ser enquadrada, desde as primeiras sociedades, civilizações, a humanidade se fez preconceituosa e pior se achava no direito de eliminar a todos que não consistir em ser considerados perfeitos, não tiverem as mesmas culturas, não se apropriasse de suas concepções, como se as pessoas que não fossem iguais, ou não agissem da mesma maneira tivesse que ser excluídas.

(...) desde os primórdios da humanidade pessoas nasceram ou adquiriram alguma deficiência ou limitação que as impediram de realizar suas actividades diárias de forma autónoma. De maneira perversa, essas pessoas foram alijadas da sociedade e tratadas como estorvo ou “coitadinhas. (NEGREIROS, 2014 p.13)

Outra temática que gostaríamos de colocar, também relacionada ao Império Romano, que também atende a deficiência como assunto em questão, só que desta vez de forma, mas benéfico, que foi o surgimento do cristianismo, na vida dos romanos, com essa nova religião veio junto novos conceitos até então desprezados e ignorados, que era a questão de caridade, de pensar no próximo, de ajudar os necessitados.

Essa ideologia cristã surgiu e veio de encontro com as dificuldades, vivenciadas pela sociedade, mas humilde como humilhada entre eles, mendigos, pobres, deficientes.

Foi no vitorioso Império Romano que surgiu o cristianismo. A nova doutrina voltava-se para a caridade e o amor entre as pessoas. As classes menos favorecidas sentiram-se acolhidas com essa nova visão. O cristianismo combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência.

Os cristãos foram perseguidos porém, alteraram as concepções romanas a partir do Século IV. Nesse período é que surgiram os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e pessoas com deficiências. (NEGREIROS, 2014 p.3)

A doutrina cristã trouxe algumas melhorias quanto o tratamento dos deficientes, as pessoas passaram a melhorar suas visões sobre os deficientes, passaram há aceitar um pouco mais, mas sempre mantendo o distanciamento social, mas, agora não os sacrificavam tanto, mesmo ainda discriminados, já eram mais o número de pessoas que ajudavam, mesmo que por temor do que teriam de enfrentar diante de Deus se não ajudassem essas pessoas.

Com o surgimento do cristianismo no Império Romano, ainda segundo Gugel (2007), tem-se como doutrina a caridade e o amor para com os indivíduos. Dessa maneira, a Igreja combateu, dentre outras práticas, a eliminação dos filhos nascidos com deficiência. E foi a partir do século IV que surgiram os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e indivíduos com deficiências. (FERNANDES, 2011,135)

Pois, sabemos que em cada época a deficiência foi visada, como pensada de forma diferentes, em alguns momentos foi vista como castigo de Deus, pecado, como alguém sem merecimento de continuar vivendo, como imprestável, inválidos, incapaz, desprezível, enfim, valores e reconhecimento eram raros, só depois de um bom tempo que surgiram lugares que passaram a servir de abrigos para os deficientes.

(...) na Idade Média o abandono passou a ser condenado e as pessoas com deficiência começaram a receber abrigo em asilos e conventos, principalmente. Porém, nesse período. Era comum a crença de que a deficiência seria um castigo de Deus por pecados cometidos e, por isso, os indivíduos com deficiência eram alvo de hostilidade e preconceito. (SILVA, 2010, p.40-41)

A partir desse momento as pessoas começam a se preocupar socialmente com os deficientes, quanto com o seu rumo, ou seja, para onde deveriam se instalar, mas mesmo com essa preocupação a sociedade não se transforma em boazinha da noite para o dia, ela tenta sanar o problema de forma que sua consciência não pese, mas também, não quer deficiente inserido em seu meio social, como algo natural, por isso que passam a ser criados orfanatos, prisões e manicômios, lugares para isolar, ou melhor, retirar de circulação os deficientes, proporcionando o sentimento de missão cumprida, porque estavam os ajudando.

A partir do século XVII, os deficientes passaram a ser internados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições, juntamente com delinquentes, idosos e pedintes, ou seja, eram excluídos do convívio social por causa da discriminação que então vigorava contra pessoas diferentes. (BERGAMO, 2010, p.35)

Podemos dizer que por muitas gerações as pessoas com deficiências foram considerados como fracassadas, inúteis ou foram ignorados pela sociedade até se obter a concepção de inclusão. Mas, para isso necessitou-se a elaboração de leis, fazendo com que as pessoas aprendam a respeitar e aceitar as diferenças.

Pois, a deficiência foi vista por muitos como incapazes de fazerem parte da sociedade, por isso, tratavam a internação como uma solução. Depois passaram a serem referidos como loucos, foram considerados indignos de fazerem parte da sociedade, depois de anormais. Enfim, a sociedade, passa a tomar um pouco de consciência, mas sem perder o carácter preconceituoso e discriminatório.

Mas, foi posterior a segunda guerra mundial que começou de fato a grande preocupação quanto à deficiência, pois diante de lugares destruídos, milhões de pessoas mortas, além da enorme quantidade de pessoas feridas, pessoas que passaram a serem deficientes devidos os confrontos.

Tudo isso fez com surgisse a preocupação da sociedade com os direitos dessas pessoas que não eram deficientes e passaram a ser, pois se tratava de uma grande quantidade de ocorrências que variava desde o mental ao físico.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o direito necessita se preocupar com grupos sociais específicos, nesse caso surgem os mutilados da guerra, pessoas que

foram para a guerra sem nenhuma deficiência e voltam às suas casas com algum tipo de mutilação que impedem a fruição normal de suas actividades de vida diária. (TAHAN, 2012, p.21).

A partir desse acontecimento que as pessoas passam a olhar os deficientes com outros olhos, porque antes se tinha a concepção de que se só nascia deficiente, assim impregnado, como aceito por toda a sociedade e de repente a sociedade se depara com pessoas, soldados, ou seja, familiares, amigos, colegas de trabalhos, heróis de guerra numa situação de dependência, de impossibilidades, deficiente.

Os seus conceitos simplesmente passam a ser repensados, de forma, mas coerente e consciente, porque a suas percepções preconceituosas já não tinha tanta força, diante da circunstância que se apresenta a sua frente, uma realidade que não se esperava, mas que os fez notarem que a deficiência tem causa e consequências e não era um mero castigo, maldição, além da percepção de que, essas pessoas independentes de suas limitações são importantes para sociedade e que podem construir uma história, como contribuir na construção de um mundo melhor e mais justo.

Pois a deficiência pode ser vista como invalidez ou incapacidade por não poder estar praticando actos que consideramos normais para as pessoas que não possuem deficiência exemplo andar, falar, ouvir, enxergar, mas sabemos que a deficiência está longe de ser incapacidade, ela são e fazem a diferença, nesse mundo de iguais na diferença.

Com essas mudanças sendo estabelecidas pela sociedade e com o passar do tempo, as mudanças no contexto social, histórico a deficiência começa a ganhar novas concepções principalmente de aceitação como de apoio e a sociedades passa a aceitar como defender os direitos dos deficientes e sendo assim a deficiência vai conquistando seu espaço junto à sociedade, construindo sua história dentro da concepção de superação.

Mudanças socioculturais foram ocorrendo paulatinamente na Europa, cujas marcas principais foram o reconhecimento do valor humano, o avanço da ciência e a libertação quanto a dogmas e credices, reconhecendo-se que o grupo de pessoas com deficiência deveria ter atenção específica fora dos abrigos ou asilos para pobres e velhos. A despeito das malformações físicas ou limitações sensoriais, essas pessoas,

de maneira esporádica e ainda tímida, começaram a ser valorizadas enquanto seres humanos. (NEGREIROS, 2014, p.15)

Nikolas Corrent